

Ex-líbris: lugares de memória

Márcia Della Flora Cortes (IFFAR) - marciadfc@yahoo.com.br

João Fernando Igansi Nunes (UFPEL) - fernandoigansi@gmail.com

Lais Braga Costa (IFFar) - lais.costa@iffarroupilha.edu.br

Resumo:

O presente artigo tem a finalidade de refletir sobre o ex-líbris, marca de propriedade de livros, como um objeto que contém substrato para a memória e capaz de ser um lugar de memória. Esse guardião do passado apresenta informações quanto ao seu conteúdo e quanto a sua técnica de produção. Considera-se nesse trabalho os aspectos relativos aos rastros do passado e potencial narrativo dos ex-líbris gravados que revelam simbologias, relações sociais, profissões, paisagens, ideologias e pensamentos. Estes objetos representam o proprietário de uma obra, seus gostos e ideais assim como a técnica de um artista, que em conjunto ao encomendador, elaboram essa marca de propriedade, que serve ainda para estimular lembranças. Logo, entende-se que o ex-libris contém substrato para a memória carregando traços do período e do meio em que foi criado representando indivíduos e coletividades. Como procedimentos metodológicos realizou-se uma revisão de literatura em teóricos que discutem a memória coletiva e a identidade como Maurice Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993) e Paul Ricoeur (2007). Também fazem parte da revisão bibliográfica autores que abordam especificamente os ex-líbris, como Esteves (1956), Bertinazzo (2012) e Silva (2014). Ainda, algumas imagens de ex-líbris do Museu de Arte Frederikshavn Kunstmuseum foram selecionadas a fim de destacar o potencial memorial e identitário dessas marcas de propriedade.

Palavras-chave: *Ex-líbris. Memória. Lugares de memória.*

Eixo temático: *Eixo 8: Ciência da Informação*



XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Vitória, 01 a 04 de outubro de 2019.

Modelo 1: resumo expandido de comunicação científica

Eixo Temático: Eixo 08

Resumo expandido

Introdução: O presente artigo tem a finalidade de refletir sobre os ex-líbris, marcas de propriedade de livros, como objetos que contêm substrato para a memória e capazes de ser um lugar de memória. Esses guardiões do passado apresentam informações quanto ao seu conteúdo e quanto a sua técnica de produção. Considera-se nesse trabalho os aspectos relativos aos rastros do passado e potencial narrativo dos ex-líbris gravados que revelam simbologias, relações sociais, profissões, paisagens, ideologias e pensamentos. Logo, entende-se que o ex-líbris contém substrato para a memória carregando traços do período e do meio em que foi criado representando indivíduos e coletividades.

A memória como uma categoria ampla, que perpassa por diversas áreas do conhecimento, desde os processos neurobiológicos até as ciências sociais, nesse trabalho é abordada quanto a seus aspectos sociológicos. Considerando-se que o passado é materializado nos objetos, temos então importantes indícios e informações do passado através de marcas impregnadas nos ex-líbris, que podem fazer aflorar a memória.

Método de pesquisa: Como procedimentos metodológicos realizou-se uma revisão de literatura em teóricos que discutem a memória coletiva e a identidade como Maurice Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993) e Paul Ricoeur (2007). Também fazem parte da revisão bibliográfica autores que abordam especificamente os ex-líbris, como Esteves (1956), Bertinazzo (2012) e Silva (2014). Ainda, algumas imagens de ex-líbris do Museu de Arte Frederikshavn Kunstmuseum foram selecionadas a fim de destacar o potencial memorial e identitário dessas marcas de propriedade.

Resultados e discussão: Os ex-líbris, são obras de arte em miniatura e como tal, devem ser reconhecidos tanto pela sua beleza estética como pelo seu potencial memorial que possibilita ainda o resgate de identidades. Sua função original era marcar a propriedade de um livro, entretanto também servia como um sútil lembrete aos esquecidos ou aqueles que ousavam pensar em furtar obras.

Destaca-se que a invenção da imprensa promoveu a difusão do conhecimento em função da maior facilidade em se produzir livros, entretanto a

partir daí o furto, conforme Machado (2014) “tornou-se epidêmico” o que fez com que bibliotecas da Idade Média acorrentassem suas obras. Esteves (1956, p. 55) nos dá uma dimensão da atração e sentimento que o livro causa: “O que deixa transparecer que, em todos os tempos, mesmo quando não eram numerosos os leitores, o livro – nosso mestre, nosso melhor e mais fiel amigo, - foi sempre cobiçado pelos amigos do alheio”.

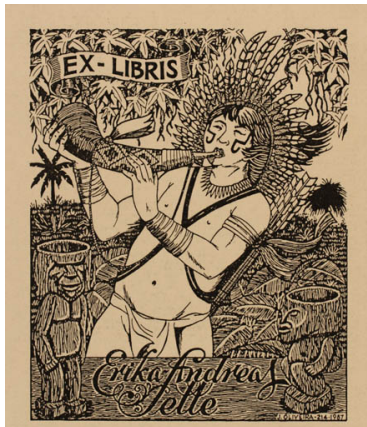
Era, portanto, necessário criar uma maneira de identificar as coleções e dar a elas seu real valor. Nada melhor que uma bela gravura para demonstrar o apreço e zelo de um proprietário pelo seu livro. Os ex-líbris foram originalmente produzidos a partir de técnicas de gravura que conforme destaca Bertinazzo (2012), é um processo artesanal e bastante minucioso, em que um artista está em contato direto com a obra.

Surgiu assim, uma representação gráfica oficial, de um indivíduo ou instituição, com a finalidade de marcar através de signos a sua propriedade, identidade e em decorrência, é carregado de memória. Não se sabe exatamente a data de surgimento do ex-líbris, entretanto, foram utilizados principalmente a partir do Renascimento.

Esteves (1956, p. 35) compreende que o ex-líbris “nada mais é que um sinal ou marca de propriedade sobre uma coisa que é o livro” surgindo no lugar da antiga prática de escrever o nome do proprietário e seu pertencimento a própria mão nas páginas iniciais do livro. Esse mesmo autor destaca que essa etiqueta tem força de escritura pública pois mesmo que não contenha o nome do proprietário, todos respeitam seu direito de posse (ESTEVES, 1956, p. 19).

Para Bertinazzo (2012, p. 25) o ex-líbris é “uma espécie de selo de propriedade, incontestável e universal, que vem colada na face interna da capa, no rosto ou anterrosto do livro, valorizando-o”. Corroborando com os autores, entende-se que o ex-líbris é capaz de autenticar a propriedade de uma obra e para tanto opera como um sinal de distinção social que ao ser visto traz à mente de quem o vê, elementos que referenciam o dono de um livro, assim como a memória de um contexto social e um período. As figuras 1 e 2, ilustram os ex-líbris:

Figura 1 – Ex-líbris de Erika & Andreas Selle



Fonte: Frederikshavn Kunstmuseum (2019)

Figura 2 – Ex-líbris de Artur Mário da Mota Miranda



Fonte: Frederikshavn Kunstmuseum (2019)

A figura 1 do artista Jorge de Oliveira, produzida em 1987 retrata o indígena, origem da cultura brasileira em meio a natureza. A figura 2, produzida por Alberto Lima em 1950 representa simbolicamente que livros fechados não fazem letrados levando os indivíduos a um trabalho árduo e braçal.

A partir dessas imagens, entende-se que o ex-líbris é um objeto simbólico e atua como um vetor de identificação com a função primordial de representar a propriedade de uma obra, assim como pensamentos. Logo, contém elementos que permitem o reconhecimento identitário e ao mesmo tempo possibilitam o resgate da memória social.

O processo de construção do ex-líbris envolve uma ideia a ser representada que é relativa aos gostos e preferências do proprietário de livros. Entende-se que os rastros deixados pelos ex-líbris revelam simbologias, relações sociais, profissões, paisagens, ideologias e de modo geral a memória que alguém quer deixar e ser vista em seu lugar. Por isso, quando uma pessoa procura um artista para produzir sua marca de propriedade verifica-se tanto um compartilhamento de memórias quanto uma relação temporal de indissociabilidade do passado e presente que busca aflorar e também resgatar a memória através de signos que atuam como uma identidade visual.

O êxito quanto ao ex-líbris produzido depende da íntima relação entre o indivíduo solicitante e a pessoa que executa sua criação. Esse processo exige a interpretação e compartilhamento de memórias entre esses dois. Em suma, é um trabalho conjunto onde ocorre a leitura e interpretação de ideias que são decodificadas e materializadas através de signos que representam e também são capazes de identificar tanto o proprietário de um livro quanto o artista criador.

Bertinazzo (2012) discute a relação cooperativa entre encomendador e artista, dentro da História da arte e explica que este “[...] deve seguir, o quanto possível, as orientações do bibliófilo relativas ao tema, itens que comporão esse selo, divisas, tamanho, técnica e afinar o desenho até que satisfaça a ambos”. (BERTINAZZO, 2012, p. 31).

Logo, o resultado desse trabalho conjunto, precisa agradar aos dois, e embora o solicitante informe suas preferências quanto a estética e iconologia do ex-líbris, é o artista que usa a sua aptidão e técnicas específicas para dar forma à

imaginação do proprietário de livro construindo assim, memórias compartilhadas. Desse modo, entende-se o ex-líbris como uma prática narrativa e discursiva que traz à tona lembranças de uma pessoa e por consequência da sociedade a qual ela estava inserida constituindo uma rica fonte de informações e memórias.

Segundo Halbwachs (1990, p. 47), “[...] a parte que representamos em cada modo de ver está determinada pela intensidade desigual das influências que estes têm, separadamente, exercido sobre nós” revelando aspectos que estão na sociedade e exercem de alguma maneira, mesmo que de forma despercebida e inconsciente, influencia sobre o homem. Essa argumentação corrobora para compreender-se o potencial memorial dos ex-líbris, mesmo que esse objeto produza e potencialize memórias diferentes em cada pessoa, estivemos expostos a trocas e experiências dentro de um determinado contexto e grupo social. Logo, os signos presentes nos ex-líbris provocam diferentes percepções e memórias.

Halbwachs (1990) compreende que a memória coletiva se constitui a partir de um conjunto de interações sociais, entre um sujeito e aquilo que está em sua volta. A partir de estímulos as lembranças surgem, assim como o compartilhamento de elementos que identifiquem um grupo. Dessa forma, entende-se os ex-líbris como um objeto capaz de auxiliar um indivíduo a reconstruir uma imagem do passado, no presente, atuando como um vínculo social que materializa e resgata memórias.

Conforme Nora (1993, p. 9) “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” e “se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções”. Essa concepção reflete em uma sociedade que busca lugares para ancorar a sua memória, bem como objetos que possibilitam aflorar e resgatar lembranças.

Nora (1993, p. 13) aponta que “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos”, pois é preciso criar maneiras de lembrar a “sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos” depende de suportes assim como ex-líbris para recordar.

Ricoeur (2007, p. 107), esclarece a importância dos rastros como indícios para a história que nos conectam ao passado uma vez que “ao lembrar de algo, alguém se lembra de si”. Logo, os rastros são suportes para o resgate de memórias.

Considerações finais: Portanto, entende-se que os ex-líbris guardam em si referências, tanto de um proprietário e um artista quanto de elementos que estão presentes na sociedade, nas técnicas de sua produção. Ainda, é um suporte para a memória social visto que através de seus rastros permite resgatar e aflorar memórias.

Enquanto registro histórico, o ex-líbris é como uma ponte que liga o passado ao presente trazendo a lembrança de que determinado livro pertenceu a um indivíduo ou instituição. Os signos presentes nos ex-líbris, especialmente os gravados, representam um proprietário e remetem a aspectos que estão em seu meio social assegurando o seu reconhecimento. A partir desse aspecto, essa marca de propriedade torna-se um elemento identitário capaz de representar e comunicar uma informação.

Referências:

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. **Ex libris**: pequeno objeto de desejo. Brasília: UNB, 2012.

ESTEVES, Manuel. **O ex libris**. 2. ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista memória em rede**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 43-58, dez.2009/mar. 2010.

FREDERIKSHAVN KUNSTMUSEUM & EXLIBRISSAMLING. Disponível em: <http://art-exlibris.net/search?query=nationalitet-59&pt=owner> Acesso em: 15 mar. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial,2004.

HARTOG, François. Tempo e história: como escrever a história da França hoje?. **História Social**, Campinas, n. 3, 1996. p. 217-154. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/89/84>>. Acesso em: jul. 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1990. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

MACHADO, Ubiratan. Sua excelência: o ex-líbris. In: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (orgs). **Livro dos Ex-líbris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 9-75.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (orgs). **Livro dos Ex-líbris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014.